

“E o que eu tenho a ver com isso?” - Um exercício de “imaginação pedagógica” sobre o racismo na prática

<https://doi.org/10.11606/issn.1981-4690.v35inespp93-97>

Ana Carolina Toledo*

*Universidade
Estadual Paulista,
São Paulo, SP, Brasil.

Resumo

Se o racismo é estrutural, isso quer dizer que ele está intrinsecamente fundamentado naquilo que nos estrutura, naquilo que nos dá base e forma nossas subjetividades. O presente ensaio propõe-se a pensar sobre o racismo institucionalizado nas práticas educativas esportivas a partir de proposições de exercícios de “imaginação pedagógica”: através de questionamentos advindos da práxis metodológica e epistemológica, pensando identidades e subjetividades negras e brancas, reflexões prático-pedagógicas são colocadas a fim de pensar-se a Educação Física a partir de uma perspectiva crítica, plural, equalitária e, sobretudo, humana. Considera-se, neste ensaio, estas discussões incipientes e necessárias para a construção de uma Educação Física antirracista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Esporte; Educação antirracista; Corporeidades; Decolonialidade.

Introdução

O racismo é estrutural. Ponto. Então precisamos entender o que isto significa na prática. Inclusive na prática esportiva.

Falar, portanto, de racismo na prática significa também levantar apontamentos sobre possibilidades de práticas antirracistas. Levantar questionamentos sobre saberes hegemônicos, aqueles que estamos acostumados a reproduzir sem nos questionarmos de onde vêm ou por quê são como são, é passar a considerar epistemologias e metodologias outras, partir de outros pontos de partida. Respeitar e compreender estes saberes como uma possibilidade dentro de um mundo PLURAL é uma prática antirracista.

Para respeitar e buscar compreender estes saberes, não existe fórmula. Existe prática. A máxima de que uma mudança de hábito requer exercício é uma

constante em nossas práticas de Educação Física. Façamos então. Sejamos nossa própria práxis ao questionar as formas pedagógicas que, às vezes, nos coloca em fôrmas.

Como mulher, negra e educadora de atividades físicas, questiono, todos os dias, como posso tornar esta prática educativa sensível, plural e verdadeiramente acessível à diversidade de alunos com quem troco. Como fazer para transmutar o termo Educação Física, concretado em sólidas bases estruturais e conceituais, para Educação + Física, termo fluído que revela caminhos de educar para o corpo e através do corpo? Como lembrar que os modos de fazer são muitos e são, sobretudo flexíveis construções culturais?

A partir destas reflexões, compartilho agora alguns caminhos.

Desenvolvimento e discussão

Se o racismo é estrutural, isso quer dizer que ele está intrinsecamente fundamentado naquilo que nos estrutura, naquilo que nos dá base. ALMEIDA¹ (p. 33) resume nos dizendo que

“o racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal”

com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção”.

Aparentemente invisível, já que tudo permeia: está para nossos olhos como uma lente fixa.

Isso quer dizer que a categoria raça “exerce funções simbólicas (valorativas e estratificadoras)”² (p. 20) na estrutura social. Dentro do contexto esportivo, quer dizer também, que ele está não somente na ponta dos processos, nos esportes de ponta, mas em todo processo de formação, no meu meio. Quer dizer que ele não está somente nas mãos dos “tomadores de decisão”, mas nas mãos das decisões que tomamos.

Portanto, pergunto.

E o que eu tenho a ver com isso?

Pergunto na proposição de um exercício. Um “exercício de *imaginação pedagógica*”, espelhando-me em GOMES³, “na busca de respostas a perguntas simples que talvez o campo da educação, nos últimos anos, tenha colocado em segundo plano” (p. 43):

O que as minhas escolhas como educadora (ou educador) tem a ver com o racismo estrutural? E, aliás, tem a ver...

Paramos para pensar sobre nossas escolhas metodológicas sob uma ótica humana, diversa e equalitária? O que eu quero dizer é, por exemplo, o que eu tenho a ver com o fato de minha aluna ou aluno negro, cujo corpo desenha verdadeiras acrobacias ao som do 150, sentirem-se preteridos ou não valorizados por não entenderem as regras do meu jogo?

Eu conheço as regras do jogo que os corpos negros dos meus alunos jogam?

Reflito.

Se a corporeidade é um constructo cultural⁴ é fundamental que espaços multiculturais sejam incorporados na Educação Física. São muitos os modos de fazer corporal, para muito além do que habita nossos olhos. Para além da científicidade de alguns métodos reguladores selecionados e auto-referenciados universais, ou da expectativa de educadores, referenciados nestes métodos, de que seus alunos compreendam e correspondam à determinadas performances corporais, o que está em jogo? Em jogo está também aquilo que não é branco, no sentido hegemônico do termo. E aquilo que não é branco implica suas próprias referências. “O corpo negro não se separa do sujeito. [...] a emancipação do corpo negro diz respeito a processos, vivências e saberes produzidos coletivamente”³ (p. 94). A afirmação da cultura e expressão da identidade se dá pelo corpo e seus saberes. É somente no campo da diversidade epistemológica que poderemos “avançar na compreensão do pensamento pedagógico como um

permanente confronto entre paradigmas de educação, de conhecimento, de valores e do humano”³ (p. 54).

Prossigo.

Se o racismo é estrutural, isso quer dizer que ele está também nas ideologias que justificam minhas escolhas, meus modos de pensar e meus modos de sentir. Isso quer dizer que ele age no nosso nível consciente, sim, naquele nível qual mora o saber: o saber que o racismo existe mas “nós mesmos não somos racistas”. Mas isso quer dizer também, e principalmente, que ele age nos nossos níveis inconscientes, naqueles que eu só acesso pela observação atenta de minhas escolhas e atitudes. Isso quer dizer, dentre tantas coisas, que ele compõe nossa subjetividade¹, isso quer dizer que o racismo nos forma enquanto sujeitas e sujeitos.

Portanto, pergunto:

E o que eu tenho a ver com isso?

Como a minha atuação como educadora, educador ou gestor favorece o reconhecimento e a formação das identidades negra e branca dos meus alunos? Como eu trago para minha prática do dia-a-dia a representatividade negra no esporte e na VIDA para meus alunos negros e brancos se reconhecerem e se inspirarem?

O que eu, educadora/educador, aprendi a considerar e valorizar como identidade negra?

Reflito.

Para uma educação antirracista permanente é necessário, de uma vez por todas, assumirmos nossas identidades negras e brancas. O mito da democracia racial^a nos fez ver como iguais, perante uma estrutura social totalmente desigual. É fundamental, portanto, entendermos os papéis que, historicamente, estas identidades habitam nas relações sociais e, consequentemente, nossas responsabilidades perante estas. Assim como é fundamental que não neguemos estas reflexões em nossas práticas. O que ocorre é que, sendo o racismo um sistema opressor de dominação baseado em características corporais, neste caso, o conceito de raça definido pela cor da pele, uma raça coloca-se de forma superior a outra. A raça branca (sim, brancos também são racializados!) inventou o racismo para justificar abusos coloniais e capitalistas sobre a raça negra, e junto um sistema de ideologias que o sustentam. Logo, a raça branca e seus legados culturais viraram sinônimo de normalidade e virtude, e a raça negra e sua cultura NEGAção e exotização. Como consequência,

“visando evitar a dor, o negro desiste de defender sua “verdade” contra a “verdade” da palavra branca. Expurga de seu pensamento os itens relativos a questão da identidade que ele poderia

criar e outorga ao discurso do branco, o arbitrário poder de definir o que ele pode pensar sobre si mesmo”² (p. 14).

Tão logo, enquanto educadores, entendamos que o adjetivo “neguinho” proferido por um aluno branco a um aluno negro num intuito pejorativo é agressivo por suas intenções, mas reconhecer-se uma pessoa negra em nada carrega deméritos, poderemos avançar nas reflexões identitárias sem tabus. Ser negro, assim como ser branco, carrega histórias, memórias e humanidades que precisam ser resgatadas. Cada qual com suas especificidades.

Prossigo.

Se o racismo é estrutural, isso quer dizer que ele está na base daquilo que fundamenta e estrutura o que conhecemos hoje como **ESPORTE** e **EDUCAÇÃO FÍSICA**. PIERRE BOURDIEU⁶, sociólogo, francês, branco, em seu texto reflexivo intitulado “Como é possível ser esportivo?” (1978, p.4), assume que

“parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas grandes escolas reservadas às “élites” da sociedade burguesa [...] onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, para fazê-las assumir formas eruditas [...]”,

integrando, portanto, nestas mudanças os pressupostos essenciais das virtudes e moral burguesa (*qualquer semelhança aos nossos processos não é mera coincidência*). A aparição dos esportes, propriamente ditos, seria, portanto, contemporânea à constituição de um campo de produção de “produtos esportivos” e a um mercado consumidor esportivo. Mercado consumidor este com funções distribuídas em classes sociais específicas, o que nos traz reflexões sobre o próprio sentido que estas práticas assumem nas relações sociais.

Prossigo refletindo que estes valores aristocráticos permanecem vívidos, bem aqui, entre nós, todos os dias, ainda que repaginados, ainda que em contexto novo, mas ainda ditando as regras do jogo.

É urgente que entendamos que cada conceito moderno e ocidental tido como certo, como pilar, como cânones, como definição inquestionável e universal pode ter sido, sim, e quase sempre foi, fundamentado dentro de uma ótica racista.

Portanto, pergunto:

E o que eu tenho a ver com isso?

Estendo agora, em nosso exercício, a lógica que constrói o comportamento distintivo, hierárquico e meritocrata racista. Reproduzindo diálogos já vivenciados, vamos falar sobre:

- APITO: “Ah, agora eu vou ter que questionar porque eu uso apito? É pra manter a ordem, necessário.”

- FILAS: “Por que eu faço, faço não, imponho que meus alunos façam filas? Bom comportamento claro, necessário.”

- SILENCIO: “Puxa, agora até o silêncio? É para escutar a mim e ponto, sou o professor, sou eu quem fala, é necessário.”

- HIERARQUIA: “Faço meus alunos sentarem num local mais baixo enquanto falo porque eles precisam me escutar, me ver, afinal eu sou o professor, sou eu quem ensina! Necessário.”

“Racismo agora é mensagem subliminar, é isso? Tá em tudo?”

Reflito.

Convido SILVA⁷ (p. 2) para apoiar-me em meu raciocínio ao afirmar que

De acordo com Foucault, as sociedades disciplinares surgem no século XVIII, atingem seu apogeu no século XX e entram em processo de decadência a partir desse período, dando lugar ao surgimento de uma nova forma de organização social. Essa nova sociedade foi definida por Deleuze como sociedade de controle. Passamos, por conseguinte, de disciplinas expressas pelas regras e pelo confinamento presente nas instituições a um tipo de controle manifesto além dos muros da instituição. E, para manter o funcionamento de uma nova organização social, há que se constituir uma nova forma de subjetividade para sustentá-la. “Os saberes e os poderes de todos os tempos procuram dominar os processos de subjetivação, atuando como dispositivos de normalização dos comportamentos” – salienta Foucault.

De sociedades disciplinares a sociedades de controle, apitos, filas, silenciamentos ou hierarquias refletem dispositivos de “normalização dos comportamentos”, ou seja, de dominação de corpos, lembrando que “a educação Física no Brasil confunde-se em muitos momentos de sua história com as instituições médicas e militares”⁸ (p. 57). Exercito conectar estes dispositivos com a lógica racista ao lembrar que outrora também foram os chicotes disciplinadores, uma vez que “a racialidade vem se constituindo, no contexto da modernidade ocidental, num dispositivo

tal como essa noção é concebida por Foucault. Nesse sentido a racialidade é aqui compreendida como uma noção produtora [...] de um campo de poder conformando, portanto, saberes, poderes e modos de subjetivação cuja articulação institui um dispositivo de poder”⁹ (p. 56).

Retomo: “Racismo agora é mensagem subliminar, é isso? Tá em tudo?”

E respondo: Não, claro que não. Nunca foi subliminar. Sempre foi tudo escancarado. Só era confortável, para quem manda, não ver.

Sempre foi uma questão de ordem, com ou sem apito, ou chicote.

Sempre foi uma questão de silêncio, melhor não questionar, ou chicote.

Sempre foi uma questão de respeitar a hierarquia e o status quo, ou chicote.

Nunca foi subliminar. Sempre foi na pele.

Considerações finais

Finalizo, por hora, mas ainda nos primeiros passos desta discussão incipiente e urgente que muito têm a ser percorrida, parafraseando GOMES³ (p. 43), ao deixar como “lição de casa” alguns exercícios de “imaginação pedagógica” aos educadores que acompanham-me na trajetória de busca de uma educação física que educa, através de noções de corpo, pessoas repletas de subjetividade em suas relações sociais:

A Educação Física, entendida como processo de humanização, tem sido sempre uma experiência edificante?

Afinal que caminho poderia ser trilhado para se construir uma nova teoria crítica na Educação Física que se debruce com seriedade sobre as questões aqui colocadas?

Reflitamos.

O racismo é estrutural. Ponto. Então precisamos entender o que isto significa na prática. Inclusive na prática esportiva.

Nota

- a. “[...] tal expressão supostamente refletiria determinada relação concreta na dinâmica da sociedade brasileira: que pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência, sem nenhuma interferência, nesse jogo de paridade social, das respectivas origens raciais ou étnicas”⁵ (p. 36).

Abstract

“And what do I have to do with it?” - An exercise in “pedagogical imagination” about racism in practice

If racism is structural, it means that it is deeply embedded in our structure, on that forms our subjectivities. This essay proposes to think about institutionalized racism in educational sports practices based on a “pedagogical imagination” exercises: through practical questions, reflections about anti-racist methodologies and epistemologies, black and white identities and subjectivities, and pedagogical practices are placed, in order to think about sports practice through a critical, plural, equalitarian and, mainly, humanist Physical Education. According this essay, these incipient discussion are necessary for the construction of a anti-racist Physical Education.

KEYWORDS: Physical Education; Sport; Anti-racist education; Anti-racism; Decoloniality.

Referências

1. Almeida SL. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
2. Souza NS. Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascenção social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.
3. Gomes NL. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
4. Daolio J. Da cultura do corpo. 17a. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
5. Nascimento A. O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. 1a. ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.
6. Bourdieu P. Como é possível ser esportivo?. 1978. Disponível em: <https://bitlyli.com/JQxOD>. Acesso em: 10 dez 2020.
7. Silva VJC. Sociedade disciplinar no pensamento de Foucault e a sociedade de controle no pensamento de Deleuze-Guattari: o papel da instituição educacional e o controle na infância. Rev Aurora. 2016;9(2).
8. Soares CL. Educação Física: raízes europeias e Brasil. 5 ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.
9. Carneiro S. A construção do outro como não-ser como fundamento do ser [tese]. São Paulo (SP): Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação; 2005.

ENDEREÇO
Ana Carolina Toledo
Universidade Estadual Paulista
Instituto de Artes
Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271 - Barra Funda
01140-070 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: acarol.toledo@gmail.com
E-mail alternativo: ac.toledo@unesp.br

Recebido: 10/12/2020
Aceito: 18/12/2020